

## A RELAÇÃO DAS MENINAS MENOS HABILIDOSAS COM O CONTEÚDO FUTEBOL/FUTSAL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

*Eixo Temático* Gênero e sexualidade na escola

Marina Gomes Schönardie <sup>1</sup>  
Martina Gonçalves Burch Costa <sup>2</sup>  
André Luiz dos Santos Silva <sup>3</sup>

### RESUMO

Os futebóis ainda não se constituem como uma prática integrante na vida de muitas mulheres no Brasil. Para buscar entender as relações e os motivos que as fazem não vivenciar estas modalidades, abordamos as experiências de mulheres menos habilidosas com as aulas na Educação Física. A partir do aporte teórico/metodológico da História Oral foram realizadas entrevistas com mulheres adultas que tiveram contato com a modalidade na escola, mas que hoje não possuem ligação com estes esportes. Conclui-se que o desinteresse pelo futebol/futsal por parte das menos habilidosas e a resistência dos meninos em jogar com elas, são resultado das questões de gênero que constituem não só os alunos/as, mas também os professores/as que acabam sendo agentes fomentadores das normas sociais de gênero estabelecidas.

**Palavras-chave:** Educação física escolar; Futebol/futsal; Gênero.

### INTRODUÇÃO

Entre tantas práticas corporais, os “futebóis” (DAMO, 2019) se apresentam como o fenômeno esportivo/cultural mais popular no Brasil, envolvendo valores morais, culturais, sociais, econômicos, políticos e ideológicos. Tornou-se um patrimônio da humanidade e pode ser compreendido como um fenômeno plural e complexo, pois continuamente ganha mais adeptos e se manifesta em diferentes cenários (VIANA; ALTMANN, 2015).

Apesar de ser um espaço historicamente ocupado por homens, as mulheres vêm a cada dia tendo mais representatividade no mundo do Futebol e Futsal. Atualmente, as meninas

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, [marina.schonardie@gmail.com](mailto:marina.schonardie@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutoranda pelo Curso de Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, [martinagbc1@gmail.com](mailto:martinagbc1@gmail.com);

<sup>3</sup> Professor orientador: professor doutor, pelo Curso de Ciências do Movimento Humano - UFRGS, [andrels@ufrgs.br](mailto:andrels@ufrgs.br).

frequentam esses campos não só para assistir, mas, também como praticantes, árbitras, membros de comissão técnicas, comentaristas esportivos. (SOUSA; ALTMANN, 1999).

Mesmo as mulheres brasileiras tendo praticado os futebolis desde o início do século XX, é visível que essa participação foi menor do que a dos homens, principalmente, devido aos decretos oficiais que proibiam os clubes a investirem em políticas de inclusão das mulheres no esporte (GOELLNER, 2005). É importante destacar que em diferentes espaços e tempos as mulheres pensaram estratégias para viver os futebolis e através dele exercer o direito de falar em seu nome e em nome de outras que, por inúmeros motivos, não o fizeram (GOELLNER, 2021).

Entretanto, o que tem sido vivenciado pelas meninas no ambiente escolar está longe de ser um espaço de aprendizado e visibilidade. O abandono pedagógico por parte de alguns professores torna essa modalidade uma ferramenta para manutenção das normas de gênero estabelecidas na sociedade. A falta de abordagens pedagógicas participativas afasta as meninas da prática dos futebolis, uma vez que essa modalidade é considerada um “esporte para homens”, o que acaba contribuindo para a manutenção da exclusão das meninas nas aulas de Educação Física e principalmente dos futebolis.

Para buscar entender as relações e os motivos que as fazem não vivenciar estas modalidades, abordamos as experiências de mulheres menos habilidosas com as aulas de futebol/futsal na Educação Física.

## **METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)**

Metodologicamente, este estudo ouviu dezoito mulheres de 18 a 32 anos de idade, que tenham tido contato com o futebol/futsal nas aulas de Educação Física escolar, mas que atualmente não tenham ligação com as referidas modalidades. O grupo entrevistado foi composto por ex-alunas de escolas públicas e particulares que vivem nas regiões Metropolitana e Serra Gaúcha do Estado do Rio Grande do Sul. Devido à pandemia de Covid-19, as entrevistas foram realizadas e gravadas de forma remota, através da plataforma Google Meet. Todo o processo de produção dos depoimentos esteve apoiado nos pressupostos teórico-metodológicos da História Oral, que concebe as narrativas orais como operações de um passado no presente imediato das pessoas. Os procedimentos das entrevistas estiveram alinhados ao Manual Básico do Projeto Garimpendo Memórias, que adota as seguintes etapas: identificação das mulheres a serem entrevistadas, criação do roteiro de entrevistas e realização das entrevistas com a gravação digital. Os registros em arquivos de áudio são processados por



## VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional  
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação  
em Sexualidade, Gênero,  
Saúde e Sustentabilidade

meio da transcrição com posterior copidesque, que consiste em uma revisão do texto, tendo em vista correções gramaticais e ortográficas e uma leitura final para revisão (CEME, 2017).

Os depoimentos foram analisados obedecendo ao ciclo de cinco fases, proposto por Robert Yin (2016), qual seja: compilação, decomposição, recomposição e interpretação dos dados e a conclusão.

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

*Os meninos queriam a quadra só pra eles, [...] não queriam dividir e fazer com que se fosse misto, então tinha bastante resistência. Normalmente, os meninos queriam só eles jogando na quadra e, geralmente, até desprezavam o talento que as meninas também tinham pro futebol (Gabriela).*

A manutenção da hierarquia de gênero é percebida no ambiente escolar e nas aulas de Educação Física que tematizam o futebol/futsal. Enquanto para os meninos, quase que de forma natural, subtende-se que seu domínio sobre aspectos técnico-táticos da modalidade lhes garantam a centralidade de ocupar o espaço da quadra, e, muitas vezes, de coordenar a atividade durante as aulas, às meninas são reservados os espaços às margens, afastadas do aprendizado e também do protagonismo de sua própria experiência.

*Olha, não participava primeiro porque eu não tenho muito jeito pra essas coisas e, como não foi algo incentivado e nunca teve ninguém com paciência também pra ensinar como é que faz o passe correto e essas coisas assim, então eu não me sentia confortável.*

A ausência de aulas mais integrativas na Educação Física, principalmente voltadas ao ensino de elementos táticos-técnicos das modalidades futebol e futsal, fazia com que as meninas que não tiveram essa vivência, se sentissem constrangidas em tentar praticar, pois, pensavam que estavam atrapalhando os/as demais que já sabiam e se destacavam no esporte.

*[...] eu não tinha muita habilidade, então eu tinha uma certa vergonha de pedir pra jogar, já que o pessoal que geralmente jogava, jogava bem, já entendia das regras, enfim, então pra mim era uma limitação isso, dizer 'por favor, me ensinem'.*

O “abandono pedagógico”, prática bastante difundida na Educação Física escolar, (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER; RISTOW; GLITZ, 2013) ou “desinvestimento pedagógico” (MACHADO, BRACHT; FARIA; MORAES; ALMEIDA; ALMEIDA, 2010) caracteriza-se como uma atuação docente centrada na manutenção em algum grau de disciplina e controle da turma por meio de atividades que as entretendam e ocupem. Esse tipo de organização de aula tende a favorecer os alunos com certo conhecimento e vivência,

excluindo outros/as tantos/as que necessitariam de uma proposta com intencionalidade pedagógica bem demarcada, condição das ex-alunas entrevistadas.

A falta de estímulo das famílias, a oposição dos meninos na escola aliadas a práticas pedagógicas pouco interessadas nas aprendizagens e vivências das meninas produziu como efeito uma lacuna de conhecimentos. A escola que deveria democratizar o saber, no caso das nossas depoentes, funcionou como espaço de privilégios e exclusões. Entretanto, para além das práticas e dos sujeitos nomeados e narrados neste texto, mecanismos produzidos e disparados por gênero dão a ver outros processos que constituem o hiato existente entre os meninos que se reconhecem com os futebolistas e as meninas pouco habilidosas.

A Educação Física escolar, que deveria ser a porta de entrada para o aprendizado, não só para o esporte mas para a problematização de temas centrais em nossa sociedade como a desigualdade de gênero, a homofobia, o racismo, a violência contra as mulheres etc., acaba sendo uma ferramenta para a manutenção de uma hierarquia de gênero.

*Muitas das meninas que queriam [...] jogar e reclamavam por isso, pra ter espaço pra jogar, elas eram chamadas de machorras, de sapatão por reivindicar um esporte que seria supostamente masculino.*

A compreensão de que o vínculo com os futebolistas poderia gerar suspeitas e exclusões constitui-se como entendimento comum entre as depoentes, uma capacidade de compreender as relações de gênero e o ônus que recai sobre aquelas que tensionam seus mecanismos. Neste sentido, se por um lado os recursos utilizados pelas depoentes para reafirmarem o desconhecimento e a inabilidade revelam negligências e exclusões, por outro permitem inferir sobre as prerrogativas da insuspeição de seus corpos e sexualidades, afinal as meninas não habilidosas não reivindicam estar num espaço historicamente entendido como masculino e masculinizante.

Seja por meio dos meninos que se opunham, dos/das professores/as que se omitiam ou ainda das meninas que se diziam inaptas e com pouco conhecimento, os mecanismos de gênero parecem orientar suas práticas e condutas num processo relacional que produz indiferenças às exclusões e as não aprendizagens das meninas. Se é possível argumentar que as meninas pouco habilidosas possuem menos conhecimentos e vivências que os meninos que se reconhecem com os futebolistas, é possível dizer ainda que essas mesmas meninas são hábeis em decodificar os mecanismos de gênero que atravessam e constituem o futebol.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura dos futebóis pensada por homens e para homens ainda afasta e exclui as meninas e mulheres de adentrarem e permanecerem nesses espaços. Quando os fazem, necessitam de muita resistência para permanecerem no esporte, pois a todo momento a suspeição de suas competências, seus corpos e até mesmo de sua sexualidade são postas em jogo.

As dezoito mulheres de diferentes idades, cidades, e que vivenciaram diferentes realidades, tiveram em suas narrativas um ponto central em comum, relataram em suas vivências a falta de interesse não como algo inerente a elas, mas sim como resultado de uma barreira construída pelo afastamento delas da aprendizagem do futebol/futsal, onde os mais habilidosos jogavam e os menos habilidosos acabavam apenas assistindo à perpetuação de uma prática esportiva que reforça os estereótipos de gênero.

O desinteresse pelas aulas de Educação Física por parte das meninas, e a resistência dos meninos em praticar o futebol/futsal misto, são resultado de normas de gênero enraizadas que atingem não só os alunos e alunas mas também os professores/as que acabam sendo agentes que contribuem para as normas sociais de gênero estabelecidas, tanto no esporte quanto fora dele. Portanto, cabe não só aos professores ministrarem as aulas voltadas ao futebol/futsal de forma didática, inclusiva e participativa, para desenvolver não só o esporte, mas o indivíduo; responsabilidade que não é apenas pedagógica, ela é também social.

## REFERÊNCIAS

CEME. Projeto Garimpendo Memórias, **Manual Básico**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte - ESEFID/UFRGS, 2017.

DAMO, Arlei Sander. Futebóis—da horizontalidade epistemológica à diversidade política. **Folia/Ufmg**, v. 3, n. 3, p. 37-66, 2019.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: discontinuidades, resistências e resiliências. **Movimento**, v. 27, 2021.

\_\_\_\_\_. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo; RISTOW, Renato Weiler; GLITZ, Ana Paula. O abandono do trabalho docente em aulas de educação física: a invisibilidade do conhecimento disciplinar. **Educación Física y Ciencia**, v. 15, n. 2, p. 00-00, 2013.



## VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional  
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação  
em Sexualidade, Gênero,  
Saúde e Sustentabilidade

MACHADO, Thiago da Silva; BRACHT, Valter; FARIA, Bruno de Almeida; MORAES, Claudia; ALMEIDA, Ueberson; ALMEIDA, Felipe Quintão. As práticas de desinvestimento pedagógico na Educação Física escolar. **Movimento**, v. 16, n. 2, p. 129-147, 2010.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedes**, v. 19, p. 52-68, 1999.

VIANA, Aline Edwiges S.; ALTMANN, Helena. Meninas e meninos em campo: experiências com o jogo em uma escola de futebol. **Revista Mineira de Educação Física**, v. 23, n. 1, p. 113-122, 2015.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Penso Editora, 2016.